

Os diálogos necessários para um desenvolvimento energético sustentável

Por Maiara Martines

Para um desenvolvimento ser sustentável é preciso estudar o passado, suprir as necessidades do presente e garantir recursos para o futuro. Quando falamos em desenvolvimento é comum associar bons resultados ao sucesso e crescimento econômico, mas se analisado somente do ponto de vista financeiro “energia como objeto de consumo”, o desenvolvimento pode tornar-se insustentável em um curto espaço de tempo.

Ter desenvolvimento + Ser sustentável

Devemos alinhar os interesses financeiros à necessidade da humanidade e do meio ambiente de uma forma se sustente por um longo período de tempo. Mas qual caminho seguir? Deve-se priorizar a tecnologia e o estudo científico? Devemos restringir consumo? Qual será o papel de cada país? Quais obras devem ser feitas em primeiro lugar? E o planejamento? Algumas perguntas parecem não ter respostas, ainda mais quando consideramos todos os desafios globais relacionados à energia sustentável.

O tempo parece não acompanhar a urgência das decisões que precisam ser tomadas, e a todo o momento pessoas estão recebendo informações dos mais diversos meios, conhecendo riscos antes desconhecidos e ouvindo decisões que não tiveram a opção de opinar, ou de ao menos pensar a respeito. Neste clima de pressa, respostas rápidas e soluções imediatas, o diálogo em meio à discussões científicas, políticas, tecnológicas e econômicas muitas vezes não ganha o espaço e a importância necessária.

E dialogar implica em ouvir, e não só ouvir os grandes fatos que um assunto de dimensões globais carrega, mas também ouvir os pequenos impactados. Parafraseando Edgar Morin, um grande defensor do diálogo e da

compreensão, podemos dizer que não é possível pensar localizadamente sem pensar globalmente, da mesma forma que para pensar globalmente é preciso pensar localizadamente.

Então, para que o desenvolvimento seja realmente sustentável é preciso integrar os problemas e ações democraticamente, e que os diálogos levem a uma responsabilidade compartilhada. Todos precisam ser ouvidos, de grandes potências a países subdesenvolvidos, dos pequenos produtores aos grandes empresários, de ambientalistas a economistas, e também o grupo mais importante: as pessoas, comunidades, sociedades.

E no Brasil continua lindo?

O Brasil figura entre os 5 maiores produtores e consumidores de energia renovável do mundo, e não poderia ser diferente em um local com fontes primárias tão abundantes. Então por aqui está tudo tranquilo? Podemos relaxar e seguir “gastando” os nossos recursos? Era assim que pensávamos até alguns anos atrás, provavelmente foi assim que pensaram os responsáveis pelo desenvolvimento urbano no Brasil, com aquela famosa sensação de que o problema nunca acontece no “meu quintal”.

Nos últimos anos classes sociais que não tinham força econômica passaram por um período de ascensão e acesso ao crédito. E este poder de compra possibilitou aos novos consumidores algo que antes era privilégio das classes altas, como televisores, geladeiras, computadores, celulares... E uma das consequências do alto consumo de eletrodomésticos e produtos eletrônicos é o crescimento da demanda por energia elétrica.

Para os próximos anos teremos que aumentar consideravelmente a nossa geração de megawatts, mas ainda contamos com as chuvas para gerar cerca de 70% da energia elétrica e perde-se cada vez mais rápido a capacidade para suprir a demanda energética em períodos de seca.

Poucos países tem um sistema hídrico para geração de energia como o Brasil. Aqui se encontra a maior reserva de água doce disponível no mundo, cerca de 12% do total. Com isso, ficamos dependentes socioeconomicamente da água, que além de ser utilizada para consumo humano, é essencial para a geração de energia e para o funcionamento da indústria e do agronegócio.

Nesse cenário o diálogo se mostra extremamente necessário, para que os próximos passos sejam pensados de forma integrada, de modo a evitar os riscos econômico, social e ambiental que poderiam ser ocasionados diante da ausência de um recurso vital.

Racionalizar a utilização da energia parece lógico, mas temos que ouvir os consumidores emergentes que hoje conquistaram o direito de consumir. Para eles o “pão e circo” não funciona mais, e os bens de consumo já fazem parte de sua inclusão social.

Investir em novas hidrelétricas para suprir a demanda inspira urgência, mas deixar de ouvir comunidades locais que são impactadas diretamente por estes investimentos seria um erro crasso. No caso de Belo Monte esse equívoco é evidente, uma vez que a comunidade indígena local não teve atendidos todos os compromissos de proteção territorial firmados pela empresa responsável pela obra.

Podemos pensar em usinas termoeletricas como espécie de reserva técnica, tendo em vista seu alto custo sem, no entanto, deixar de ouvir os ambientalistas sobre possíveis danos ambientais. Nesse sentido, devemos também considerar fontes de energia limpa como a eólica e a solar, dentre outras. A captação do vento, por exemplo, tem um potencial que atenderia até três vezes a demanda do país, com um custo baixo quando comparado a termoeletricas ou mesmo pequenas hidroeletricas.

Um recurso só pode ser considerado renovável se for gerido de forma responsável e utilizado com consciência. Buscar maneiras alternativas é, portanto, essencial à produção de energia.

Assim, um tema de tamanha complexidade precisa ser contextualizado e pensado de forma inteligente, pois quando o problema não é dialogado de forma integrada, por mais difícil que possa parecer a resposta, as decisões individualizadas serão incompletas e insustentáveis.